

## A SINTAXE DAS FORMAS PRONOMINAIS DATIVAS DE 2ª PESSOA EM CARTAS PRIVADAS DO RN DO SÉCULO XX

Franklin Costa da Silva (UFRN)  
[nilknarf28@hotmail.com](mailto:nilknarf28@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

O português, em suas variedades, herda do latim o sistema pronominal, com um complexo paradigma morfológico. Ao longo dos séculos, esse paradigma sofre um processo de simplificação, restando ao português, em especial o Português Brasileiro – PB, alguns resquícios desse sistema morfológico. Tentando delimitar o objeto de estudo do presente trabalho, faremos um recorte em tal herança, interessando-nos estudar, numa perspectiva diacrônico-formal, as formas pronominais dativas de segunda pessoa na diacronia do português brasileiro, considerando cartas privadas do Rio Grande do Norte (RN) do século XX.

Interessa-nos observar se, no PB, ainda há ocorrências das formas pronominais morfológicas dativas de segunda pessoa, a exemplo de *Te e Ti* (segunda pessoa singular ou P2 – nos termos de Matoso Câmara) e *Vos e Vós* (segunda pessoa plural ou P4 – nos termos de Matoso Câmara). Caso haja, investigaremos quais são os contextos linguísticos favorecedores de suas realizações; caso não haja, observaremos quais as formas que estão ocupando o espaço deixado por esses dativos pronominais. Acreditamos que ainda existam ocorrências de pronomes dativos no PB, apesar de estarmos cientes de que outras formas, a exemplo das formas preposicionadas, *a/para Você/vocês*, além do dativo de terceira pessoa *lhe*, estão concorrendo e coocorrendo em maior número, ocasionando variação morfossintática.

Por conseguinte, discutiremos as noções de caso morfológico, caso semântico e Caso abstrato. Faremos também uma revisão em uma prestigiada gramática, para compreender como essas formas podem estar sendo mantidas no PB. Somar-se-á a essa revisão uma análise primária de parte do corpus composto pelas cartas privadas do RN do século XX do Projeto PHPB.

No que concerne ao entendimento de Caso Abstrato, subsidiará este trabalho pressupostos teóricos da Teoria Gerativa, mais detidamente um de seus módulos, a Teoria do Caso. Esta entendida como uma subteoria da Gramática Gerativa. Soma-se ao presente estudo, ainda, os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, contribuindo para entendermos o percurso diacrônico dos pronomes dativos marcados com caso morfológico em contextos de 2ª pessoa no PB.

Essa pesquisa faz-se necessária por perceber-se que esses pronomes dativos (*te/ti /vos/vós*) estão deixando de se realizar no PB, cedendo espaço para outras formas. Sendo assim, surgem os seguintes questionamentos: No PB ainda há a ocorrência de pronomes de segunda pessoa marcados morfológicamente com o caso dativo? Qual o percurso diacrônico seguido por esses pronomes dativos de 2ª pessoa no PB? Em que contextos ocorrem? Quais formas estão ocupando o espaço deixado por esses pronomes?

Como já dito, esperamos encontrar uma queda nas ocorrências das formas pronominais morfológicamente marcadas de dativo de 2ª pessoa (*te/ti/vos/vós*) e o aumento de Sintagmas Preposicionais, a exemplo de *a/para você (s)*, além da forma dativa de terceira pessoa *lhe*, ocorrendo em variação com as formas previstas pelas normas prestigiadas, culta e padrão, *te/ti/vos/vós*.

Diante da realidade linguística exposta, o presente estudo objetiva investigar se no PB ainda há a ocorrência de pronomes de segunda pessoa marcados morfológicamente com o caso dativo; qual o percurso diacrônico seguido por esses pronomes dativos de 2ª pessoa no PB; em que contextos ocorrem e quais formas estão ocupando o espaço deixado por esses pronomes. Objetivamos, ainda, chegar a uma explicação intralinguística, a partir do corpus composto por cartas privadas do RN do século XX do PHPB.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Teorias são lentes que nos permitem enxergar fenômenos não observáveis a olho nu, mas que, ao mesmo tempo, formatam os objetos a serem analisados a partir das perspectivas assumidas, determinando as perguntas a serem respondidas pela investigação. (LUNGUINHO, M.; RESENES, M.; NEGRÃO, E., 2012, p. 122-123).

Tomamos como teoria norteadora deste trabalho a “Teoria Gerativa: uma perspectiva biolinguística, universalista e internalista para o estudo da linguagem.” (LUNGUINHO, M.; RESENES, M.; NEGRÃO, E., 2012, p. 120). A Teoria Gerativa aborda a capacidade linguística como propriedade intrínseca aos seres humanos. Isso é possível em virtude de nossa mente/cérebro ter como componente a *Faculdade da Linguagem* (CHOMSKY, 1996, p. 52).

A Faculdade da Linguagem é entendida como um órgão que se desenvolve a partir de um estágio inicial, comum à espécie humana e invariante. Esse estágio comum é a Gramática Universal. A criança, na época de aquisição de língua, em contato com os dados linguísticos do ambiente, desenvolve um sistema linguístico, ou seja, um conhecimento gramatical de uma das possíveis organizações da gramática Universal, que corresponde a uma língua tal como entendida no senso comum: português, inglês, karitiana... (LUNGUINHO, M.; RESENES, M.; NEGRÃO, E., 2012, p. 121)

É a *faculdade da linguagem* que torna qualquer um da espécie humana, salvo patologias, capaz de adquirir e desenvolver linguagem. Independente de gênero, de raça, de fator social ou de estar inserido em meio escolarizado ou não, o indivíduo que entre em contato com o *in put* de sua língua, por mais pobre que esse seja, desenvolverá a competência linguística (o seu conhecimento e compreensão) internalizada. Isto é, não é o fato de ter ido à escola ou não que torna o falante nativo de PB capaz de compreender e formular sentenças com elementos não prescritos pela GT, a exemplo das construções com *lhe*, referindo-se à segunda pessoa singular gramatical, quando a GT prevê a ocorrência das formas preteridas *te* e *ti*. Chomsky (1996, p. 52) contribui para este trabalho, sobre o estudo da gramática gerativa, da seguinte forma:

O estudo da gramática generativa tem sido guiado por vários problemas fundamentais, cada um deles com um sabor tradicional. A preocupação básica consiste em determinar e caracterizar as capacidades linguísticas de indivíduos particulares. Preocupamo-nos assim com estados da faculdade da linguagem, entendidos como constituindo alguma série de características e capacidades cognitivas, uma componente particular da mente/cérebro humanos. A faculdade

da linguagem possui um estado inicial, geneticamente determinado; no decorrer normal do desenvolvimento, passa através de uma série de estados na primeira infância, alcançando um estado firme relativamente estável que sofre poucas alterações posteriores, com exceção do léxico. Numa primeira aproximação razoável, o estado inicial parece ser uniforme para a espécie. Adaptando termos tradicionais a um uso especial, chamamos à teoria do estado alcançado a *gramática* (desse estado), e à teoria do estado inicial a *Gramática Universal* (GU).

Essa Gramática Universal (GU) é composta, grosso modo, por regras finitas que geram possibilidades infinitas. Essas regras são observadas por meio de princípios universais (propriedades comuns a toda e qualquer língua no mundo) e parâmetros que distinguem uma língua da outra. Assim, a Teoria gerativista que mais subsidiará nossa pesquisa é a Teoria dos Princípios e Parâmetros.

A Teoria dos Princípios e Parâmetros surge no começo dos anos oitenta com uma visão totalmente nova para a arquitetura da gramática, que é encarada como a combinação de um conjunto modular e finito de princípios e parâmetros. Os *princípios* são tratados como leis gerais a que toda língua humana deve obedecer. Seu uso como entidade teórica nos possibilita captar a uniformidade entre as línguas humanas: apesar da diferenciação superficial, todas elas compartilham algo, os princípios. Os *parâmetros*, por sua vez, são entendidos como opções restritas que são acionadas com base na interação da criança com os dados linguísticos primários presentes no seu ambiente linguístico. Nessa perspectiva, os parâmetros são o lugar de variação entre as línguas. (LUNGUINHO, M.; RESENES, M.; NEGRÃO, E., 2012, p. 124)

Como exemplo de princípio universal, verifica-se o princípio da projeção estendida o EPP (do inglês, *Extended Projection Principle*), o qual prevê que toda língua tem sujeito. Se esse se realiza ou não, trata-se de uma variação paramétrica.

Dentro da Teoria dos Princípios e Parâmetros, há diversos módulos da gramática gerativa dos quais vai nos interessar o módulo da Teoria do Caso.

No que concerne à Teoria do Caso, essa versa sobre a necessidade de que o DP [sintagma determinado] tem em receber Caso abstrato para que tenha visibilidade temática e sintática na sentença. O que estamos chamando de Caso abstrato não se deve confundir com caso morfológico nem com caso semântico. Dessa forma, a todas as línguas há a necessidade de que exista a visibilidade dos DP nas sentenças. Em seção mais à frente, conduziremos uma maior discussão sobre as diferentes concepções de caso.

No entanto, apesar de haver princípios comuns a todas as línguas, o que se observa em uma comunidade de fala é um sistema heterogêneo, passível a Mudanças e Variações. Por esse viés, nos subsidiará a Teoria da Variação e Mudança, laboviana.

No presente estudo, concordamos que “A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por extralinguísticos, e não é assistemática.”, (SALOMÃO, 2011, p. 190).

## 2. METODOLOGIA

Nesta seção será apresentada a metodologia utilizada neste trabalho. Uma pesquisa de abordagem qualitativa que visa identificar e mapear o percurso diacrônico-formal dos pronomes dativos de segunda pessoa em cartas privadas do RN do século XX, levando em conta as diversas variantes encontradas no corpus.

Será feita uma revisão bibliográfica, na tentativa de tornar clara algumas conceituações linguísticas, a exemplo do que se entende como caso. Será investigado, ainda, como a Gramática Tradicional apresenta e prescreve sobre os casos e sobre o emprego dos pronomes oblíquos de segunda pessoa marcados morfológicamente como dativos. Para isso, analisaremos a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. A presente pesquisa pretende estender essa investigação à *Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho, e à *Gramática Houaiss*, de José de Azeredo.

Apresentaremos uma análise preliminar do *corpus* composto por cartas privadas escritas no século XX, primeira e segunda metade, de autores norte-riograndenses, os quais compõem o corpus mínimo do PHPB-RN.

Nesse corpus, será observada como variável linguística as formas de realização do caso dativo, em contexto de segunda pessoa (singular e plural), observando-se se as realizações se dão por meio de pronomes dativos de segunda pessoa, como prescreve a GT, ou por outras variantes. Neste último caso, serão investigadas quais as realizações encontradas e quais os contextos de uso podem estar possibilitando essas construções.

Observaremos se fatores extralinguísticos ou apenas linguísticos estão favorecendo o processo de variação, afinal

A pesquisa na Sociolinguística Variacionista busca apreender a sistematicidade da variação, seu encaixamento linguístico e social e uma possível relação com a mudança linguística por meio de análises quantitativas de um corpus, escolhido a partir de certas características sociais correlacionadas a uma variável linguística – que pode ser fonético-fonológica, morfossintática, entre outras. (SALOMÃO, 2011, p. 191)

## 3. A ANÁLISE

Nesta seção, discutiremos sobre a análise do *corpus* já apresentado, investigando as variantes linguísticas que ocorrem relacionadas às segundas pessoas gramaticais em contexto de caso dativo. A Gramática Tradicional normatiza o emprego das formas pronominais marcadas morfológicamente com o caso dativo, as formas *te* e *ti*, para segunda pessoa singular, e *vos* e *vós*, para segunda pessoa do plural, P2 e P3, respectivamente.

Foram analisadas 14 (quatorze) cartas privadas do RN da primeira metade do século XX e 14 (quatorze) da segunda metade do mesmo século. Desse quantitativo, distinguiu-se 04 (quatro) remetentes e 07 (sete) destinatários.

Encontramos as variantes pronominais *te* e *ti*, como prescreve a Gramática Tradicional, o pronome *lhe*, pronome dativo de terceira pessoa, a variante *você* preposicionada *a/até/de/para* e *prá você*, a variante elíptica, com o apagamento do dativo.

Mapeando as ocorrências de acordo com a diacronia do Português Brasileiro, encontramos nas cartas do início do século XX a predominância do emprego da forma

pronominal dativa de terceira pessoa *lhe*, concorrendo e coocorrendo com a variante do apagamento, da elipse do dativo, a exemplo, respectivamente, de,

- (i) “*lhe* mandei por | José Carambola”, “que ja *lhe* forneci | as listas”
- (ii) “Não mandei hotem as gallinhas” e “*para* remeter o dito algodão”.

Veja que em (i), esperava-se a realização do pronome dativo de segunda pessoa do plural *ti*, haja vista tratar-se de um verbo triargumental, o qual comporta dois argumentos internos, sendo o segundo argumento como um sintagma preposicionado. Logo, segundo a prescrição normativa, deveria ocorrer a variante com base na norma padrão, *a ti*. “Mandei” com sentido de “enviei”, verbo *dandi*, o que corrobora a predicação de um argumento preposicionado como segundo argumento, um Objeto Indireto, segundo a GT. A mesma variante ocorre em contexto semelhante. Há mais um verbo *dandi*, havendo a necessidade de realização de O.I.. Da mesma forma, o dativo *lhe* ocorre em lugar à forma estabelecida pela GT, *a ti*.

Em (ii) também temos verbos com a mesma classificação dos verbos em (i) e por isso também predicam um argumento preposicionado. No entanto, em (ii), foi utilizada outra variante linguística, a elipse. O autor da carta considerou mais produtivo o apagamento do dativo, o que se configura uma estratégia não prevista inicialmente no presente estudo.

Em cartas do final da segunda metade do século XX, década de 40, encontramos a realização das variantes tidas como padrão, em variação com o pronome de terceira *lhe*.

- (iii) “venho | mesmo com a pobreza de minha inte- | ligencia diser-te que”  
“Hoje distante de ti”.
- (iv) “É com imensa saudade que | *lhe* escrevo esta, para dar as minhas no |  
tícias”

Em (iii) as formas de maior prestígio social, prescritas pela norma culta e idealizada pela norma padrão, ocorrem, competindo no mesmo período com o *lhe*, como visto em (iv). Em (iii) observa-se a ocorrência dos pronomes marcados morfologicamente de dativo, *te* e *ti*, com verbos *dicendi*, o que contribui para o primeiro *te* ser marcado sintaticamente com o caso oblíquo e realizar-se morfologicamente como caso dativo. Isso ratifica a nossa afirmação que o caso dativo não mais representa um caso sintático, sendo mais viável, segundo nossa análise, encará-lo como uma herança que conservou apenas o caso semântico, marcado morfologicamente, elucidando papéis temáticos na cena. Na segunda ocorrência em (iii), o pronome pessoal dativo de segunda pessoa *ti* é empregado como complemento nominal, havendo consonância com as normas de prestígio. Essa ocorrência contribui para desfazer o equívoco de se tomar O.I. e dativo como sinônimos; haja vista tratar-se de um dativo em função de complemento nominal.

Por conseguinte, em cartas do final da segunda metade do século XX, há o aparecimento de uma nova forma variante, o pronome de segunda pessoa *você* em contextos preposicionados. Esse pronome ocorre com as seguintes preposições, *a/até/de/para* e *prá*. Vejamos os seguintes recortes:

- (v) “agradeço | tudo isto a você”
- (vi) “Lucinha | liguei prá voce no dia de seu aniversario”
- (vii) “Para você milhoes de beijos”

- (viii) “desejo que esta | chegue até você e lhe encontre”
- (ix) “Pois eu ja | mais mentiria prá você”
- (x) “que gosto de | você”
- (xi) “gosto muito de você”
- (xii) “estou com saudade de você amor”

Essas formas inovadoras entram no sistema, concorrendo e coocorrendo com as demais mostradas ao longo do trabalho. Há todas essas possibilidades de o pronome *você* se realizar com essas diferentes preposições. Esperávamos encontrar a predominância dessa variante preposicionada, principalmente nesse período em que a encontramos. No entanto, acreditávamos que encontraríamos estar em um período de transição. Entendamos transição como “Transição – busca-se compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua: como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que as duas formas co-existem, tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra.” (SALOMÃO, 2011, p. 191). Todavia, ao contrário do que esperávamos encontrar, as formas preposicionadas com o pronome *você*, não estão prevalecendo sobre as outras variantes.

O que a análise preliminar do *corpus* parece mostrar é que essas variantes linguísticas estão coocorrendo sem indicar que ocorra implementação de mudança. Parece-nos que esse conjunto de variantes continuará a se alternar, provavelmente com a forte manutenção do padrão prescrito pela Gramática Tradicional na manutenção das formas pronominais dativas de segunda pessoa singular. Na amostra do *corpus* trabalhado, não encontramos realizações com a segunda pessoa do plural, nem com as formas pronominais dativas nem com outras variantes. Advertimos que a presente pesquisa está apenas no início. Pretendemos avançar com a investigação e contemplar um *corpus* mais expressivo, traçando um panorama diacrônico-formal para ver se há, de fato possibilidade ou não de haver mudança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixamos bem claro que o presente estudo encontra-se apenas no início. Pretendemos avançar e investigar um *corpus* maior, atentando para fatores intralinguísticos e extralinguísticos. Por enquanto, fizemos uma análise qualitativa dos fatores linguísticos. Com as amostras colhidas até o momento, já podemos responder, mesmo que de forma bastante incipiente, aos questionamentos que nortearam e nortearão nosso trabalho.

Logo, o que podemos constatar até aqui é que há sim a realização da variante de prestígio no Português Brasileiro. Há uma queda nas ocorrências com as formas pronominais marcadas morfologicamente com caso dativo de segunda pessoa *te/ti*. Em relação à segunda pessoa do plural, não encontramos nenhum dado pronominal, preposicionado ou nulo. Ficou claro que as formas pronominais de segunda pessoa, cedeu espaço à forma pronominal de terceira *lhe*, à forma nula e ao pronome *você* em contextos preposicionados.

Por meio da presente pesquisa, podemos afirmar que a forma que aparece com maior frequência, referindo-se a todas as cartas em que havia ocorrência do fenômeno estudado, é o pronome *lhe*. No entanto, não podemos falar em mudança, pois apesar de mais produtivo, o pronome *lhe* coocorre com as demais variantes apontadas sem mostrar sinal de que se estabelecerá como única ou principal opção ao falante/autor.

Portanto, não faz sentido as gramáticas normativas insistirem em continuar com a apresentação e prescrição engessada de que o pronome dativo *lhe* deve ser

empregado apenas em contextos de terceira pessoa e que para os contextos de segunda, devem ocorrer apenas as formas *te* e *ti*. Concordamos que essas ferramentas desempenham papel importante na manutenção da unidade linguística de uma cultura. No entanto, esse instrumento não pode desconsiderar a grande produtividade que há no emprego do pronome *lhe* para a segunda pessoa, assim como da variante preposicionada *você*.

## Referências

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LUNGUINHO, Marcus V. S. ; RESENES, M. S. ; NEGRÃO, E. V. Pesquisa em Sintaxe Gerativa: pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e questões (in press). In: GONÇALVES, Adair V.; GÓIS, M. L. S. (Org.). **O fazer científico nas ciências da linguagem**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012, p. 119-161.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. **Novo Manual de Sintaxe**. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2004.

SALOMÃO, A. C. B. **Variação E Mudança Linguística: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil**. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 25 set. 2014, 20:20:23.

VIEIRA, Silvia R.; BRANDÃO, Silvia F. (organizadoras). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.